

O trabalho de Edgard Carone é, como já dissemos, um trabalho precioso: por um lado, oferece-nos um roteiro seguro e claro de tudo quanto aconteceu numa época que precede imediatamente o Estado Novo (ainda não historicamente estudado também); por outro lado, aponta-nos as grandes falhas e obscuridades de nossos trabalhos sociológicos. Com efeito, uma obra como esta, feita com tanto esmero e probidade, põe em evidência a pobreza de nossos estudos sobre a organização sócio-política brasileira. Esta tem sido estudada em geral, não a partir da análise de dados sistematicamente colhidos e analisados, mas a partir de determinados esquemas interpretativos, formulados no estrangeiro; buscam-se ou escolhem-se na realidade brasileira fatos que se enquadrem no esquema, mas não se procura verificar qual o esquema que se desprende da totalidade dos fatos. Se nem sempre estamos de acôrdo com o pano-de-fundo e com a interpretação sociológica tentada por Edgard Carone, é porque as análises sócio-econômicas em que se apoiou, — praticamente as únicas que existem até agora, — não nos parecem indubitáveis; pelo contrário, a tendência hoje é pô-las em dúvida e fazer uma re-verificação, pois sabe-se já que muitas delas estão em desacôrdo com a nossa realidade.

Esta restrição em nada desmerece o valor da obra, pois não se dirige ao trabalho do historiador. Edgard Carone, dêste ponto de vista, alcançou narrar com rara acuidade e clareza uma das fases complexas e contraditórias de nossa história. Seu livro é muito importante para nós, pois ajuda a melhor compreender o presente, através de uma visão penetrante do passado.

Maria Isaura Pereira de Queiroz

*

RENATO ALMEIDA: *Manual de Coleta Folclórica*. 221 págs., 1 prancha. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro, 1965.

Trata-se de obra escrita por iniciativa e incumbência da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. A maior parte dos elementos com que trabalha o folclorista em nosso país continua sendo recolhida por amadores. Tem sido esta uma colaboração de extraordinário valor, graças à qual foi salvo do esquecimento um imenso acervo de dados sobre os costumes e as tradições do povo brasileiro. E por muito tempo ainda precisará a ciência folclórica recorrer à contribuição mais ou menos ocasional de pessoas sem formação teórica e metodológica.

O objetivo do manual não é pròpriamente uma exposição sistemática das técnicas de pesquisa, mas antes uma visão panorâmica dos tópicos a que se deve prestar atenção no correr da coleta. As instruções principais para o levantamento dos dados comprimem-se em essência num capítulo introdutório, de vinte e poucas páginas. São, aliás, boas recomendações práticas, que, tomadas em consideração pelo pesquisador, contornam o perigo de viciar os informes que venha a registrar. O autor insiste na atitude rigorosamente objetiva que deve caracterizar o pesquisador. Esta exigência nos poderia parecer mais do que óbvia, mas está longe de ser satisfeita por muitos dos que, entre nós, escrevem sobre fatos da cultura popular. A objetividade, é evidente, há de começar pelo registro fiel dos dados. Outras recomendações úteis se espalham pelos capítulos seguintes, que se referem (segundo a terminologia e a classificação do autor) a superstições e assombrações, às crenças religiosas, à medicina folclórica, ao céu e aos fenômenos meteorológicos, ao folclore das águas, dos vegetais, dos animais e dos minerais, ao folclore do fogo, à literatura oral, à música e à dança do povo, às artes e aos artesanatos e, por fim, às comidas e bebidas. Ainda que Renato Almeida assevere que a obra não é de infor-

mação, mas tem apenas sentido normativo, o certo é que a maior parte do espaço é reservada a dados concretos que em seu conjunto valem, à revelia do autor, por uma primeira iniciação no vastíssimo domínio do folclore nacional.

O autor não procura exibir erudição. Parece mesmo ter receio de com ela espantar o principiante. Só assim se pode interpretar a ausência quase total de referências bibliográficas. Bem dosadas, estas seriam no entanto recebidas com agrado por quem deseje tomar o manual como ponto de partida para um estudo mais aprofundado da matéria. E de muitas coisas nêle expostas gostaria de saber, onde, quando e por quem foram observadas. Diante da grande diversificação da cultura popular brasileira, deveriam ser muito mais numerosas essas indicações, quiçá levando a um esboço de subdivisão do território nacional em regiões folclóricas. Se o volume deixa de ser, como na realidade não é, um simples manual de orientação técnica, essa expectativa parece justificar-se plenamente.

As omissões, entretanto, não se devem a descuido do autor. Em várias passagens deixa bastante claro que são intencionais, afirmando que o livro não se destina a folcloristas ou estudantes de folclore. A certa altura, lê-se, por exemplo: "Um fato em si mesmo nunca é folclórico. Resulta folclórico se na sua criação, prática e continuidade adquirir características folclóricas. Uma dança, uma estátua, uma crença, um conto ou uma cantiga não são coisas abstratas nem fatos folclóricos, senão dentro de um conceito que damos ao folclore e no qual êles eventualmente se integram. Essa é uma noção normativa que lhe deixo de passagem, mas que lhe pode ser útil. Por isso, como fazer essa simbolização de um fato ou ato lhe será difícil, em caso de dúvida, colete e registre, deixe ao folclorista a missão de classificá-lo." (Págs. 53-54). O autor é categórico em não permitir confusão entre a tarefa de quem faz a coleta e a de quem se incumba da investigação científica do folclore. "Na poesia folclórica temos que ver a riqueza literária, a prodigiosa imagética, os elementos tradicionais. Nada disso, porém, lhe diz respeito. A sua coleta precisa ser muito certa, para que possamos, diante dos dados que nos enviar, estudar êses problemas." (Pág. 160). Nada se há de objetar contra a recomendação, nem contra a insistência com que ela se repete, pois é sabido que muitos autores são incapazes de distinguir entre o que viram e ouviram e o que lhes parecem significar os fatos que registraram. Mas poucos especialistas irão ao ponto de não exigir também do pesquisador um conhecimento mínimo da tarefa do cientista. Em qualquer ciência humana são difíceis a observação e a descrição adequadas sem que exista, na retaguarda, uma razoável noção do sentido que os elementos pesquisados possam ter nos quadros duma análise teórica. Dia a dia, por assim dizer, o etnólogo depara, nos relatos de viajantes e missionários, graves lacunas de observação devidas a simples ignorância dos problemas significativos. É verdade que o etnógrafo não precisa ser etnólogo, mas será tanto melhor etnógrafo quanto mais segura fôr a sua orientação no campo da etnologia. O mesmo vale no domínio do folclore. Conhecer em linhas gerais as preocupações científicas do folclorista ajuda o coletor ("coletador") a ver as coisas com maior segurança e na justa perspectiva, a não passar por cima de pormenores significativos e a não distorcer a realidade.

Eis, portanto, uma dimensão em que o manual de Renato Almeida poderia ser enriquecido, a começar por uma série de explicações terminológicas necessárias. Não seria bom que o pesquisador soubesse o que deve entender por "superstição" e por "crendice" e se esta se distingue ou não da "crença"? Do contrário talvez não apreenda bem o sentido de frases tais como "no terreno da crença o povo entra muito na superstição e várias práticas católicas se tornam supersticiosas" (pág. 62). Fala-se em

mitos e em lendas, sem indicar como estas se distinguem daquelas (pág. 119). E se os termos são empregados como sinônimos, é conveniente que se o diga. “Cantorias, desafios, romances, modas” são classificados como “formas lírico-narrativas”, sem que se explique a diferença que há entre elas. Presume-se que o especialista não tenha dúvidas quanto a tudo isso, mas o principiante — nem que seja tido por modesto coletor — receberia com agrado a informação. De qualquer maneira, embora não o reconheça, o autor procura fornecer também uma introdução geral ao estudo do folclore brasileiro. Pretensão, aliás, legítima. Não há, por certo, quem após leitura tão rica em interessantes informações, não sinta o desejo de ir além da simples coleta e participar um pouco da “sondagem na alma do povo”, segundo a expressão de Silvio Romero. As ciências humanas têm o seu sentido real e profundo exatamente na medida em que deixam de ser esotéricas, e são ciências genuínas na medida em que, na coleta como na interpretação dos dados, impere a mais rigorosa disciplina do espírito. Um dos méritos do “Manual de Coleta Folclórica” é a intransigência com que o autor defende esta última posição.

Egon Schaden

*

SIMONE DREYFUS: *Les Kayapo du Nord, État de Para — Brésil. Contribution à l'étude des Indiens Gé.* 312 págs., 27 fotogr. em pranchas, 12 figs. no texto. Le Monde d'Outre-Mer Passé et Présent, 1.e Série, Études, XXIV. Mouton & Co. Paris-Haia, 1963.

Nos últimos decênios, as tribos da família lingüística jê têm sido alvo de especial atenção da parte de antropólogos nacionais e estrangeiros. Esse interesse cada vez mais vivo resulta de uma série de importantes problemas teóricos suscitados pelas monografias de Curt Nimuendajú sobre os Apinayé (1939), os Xerénte (1942) e os Timbira Orientais (1946). O famoso etnólogo descreveu com bastante rigor a organização social extraordinariamente complexa por êle descoberta naquelas tribos, fornecendo os elementos básicos para análises em sentido funcional e estrutural. Para estudos comparativos mais amplos impunham-se pesquisas semelhantes em outros grupos jê. Uma delas foi empreendida por Alfred Métraux (1954) e Simone Dreyfus (1955) entre os Kayapó do Norte, cujo território se estende hoje, em essência, entre o médio Araguaia e o médio Xingu.

A presente monografia é o resultado principal dessa pesquisa, que teve por objeto dois grupos kayapó: os Kubenkränkẽñ, no Xingu, e os Gorotíre do Rio Fresco, afluente daquele. Simone Dreyfus conviveu cêrca de cinco meses com os primeiros, que haviam sido pacificados somente em 1952 e mantinham ainda quase intacta a sua primitiva cultura. Aos Gorotíre, já bastante aculturados, fêz uma visita de duas semanas.

Não foi fácil a coleta do material. Entre os Kubenkränkẽñ havia um único indivíduo que falava sofrivelmente o português, e êste relutava muito quando solicitado a prestar serviços de informante. Como, além disso, o tempo disponível não fôsse suficiente para que a pesquisadora chegasse a dominar o idioma da tribo, o estudo naturalmente não pôde ser tão completo e seguro como era de se desejar, ainda mais porque o objetivo central era a descrição da complicada estrutura social kubenkränkẽñ. Assim mesmo, deve-se reconhecer que Simone Dreyfus conseguiu apresentar um quadro bastante rico da cultura que investigou. E não se limitou a dar a seu trabalho um caráter monográfico. Ampliou-o de modo a estabelecer um confronto entre os Kayapó e as demais tribos do grupo jê. Num capítulo muito sugestivo sobre a mitologia, baseado em 27 textos colhidos por